
Ensaio sobre as características de Marília Rocha na construção do cinema brasileiro¹

Felipe Collar BERNI²
Tiago LENARTOVICZ³

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

RESUMO

O presente ensaio busca debater a direção da cineasta Marília Rocha na construção de seus filmes, que se convergem na busca pela valorização de culturas e costumes que são ameaçados pela modernidade. A escolha de dois gêneros distintos como objeto de análise – documentário e ficção – nos ajuda a debater as semelhanças e divergências em suas construções e como a cineasta consegue a unidade.

PALAVRAS-CHAVE: cinema brasileiro, direção, documentário, ficção.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em cinema, nos deparamos com um emaranhado de produções, técnicas, estilos, gêneros e escolhas que constituem a peculiaridade de cada diretor ou diretora, estendendo-se de igual maneira as demais funções na produção de um filme (RODRIGUES, 2007). Refletir e analisar a cinematografia de uma maneira geral é uma tarefa árdua, pela dificuldade em conectar esses diversos condicionantes presentes no audiovisual. Um dos passos para contribuir com esse estudo, em um âmbito mais geral na reflexão sobre o cinema é construir análises partindo-se do micro, o que leva esse ensaio a refletir sobre a direção de uma jovem cineasta, Marília Rocha, portanto lançando um olhar sobre o próprio cinema brasileiro.

Debater o trabalho de direção é visualizar um trabalho convergente do profissional onde o cuidado em na realização dos processos constituirá o resultado do filme. Rodrigues (2007, p. 79) aborda o trabalho de direção como o “responsável pelo clima, ritmo de ação, ambientação e contexto dramático dos atores”.

¹ Trabalho apresentado na IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Acadêmico do 4º ano do curso de graduação em Comunicação e Multimeios da UEM. E-mail: felipecollar@gmail.com

³ Professor orientador. Mestre em Letras pela UEM e docente da mesma. E-mail: tiagolenart@gmail.com

Rocha é mineira, nasceu no ano de 1978, vive e trabalha na cidade de Belo Horizonte (MG). Produziu quatro filmes sendo os três primeiros documentários, *Aboio* (2005), que será objeto dessa análise; *Acácio* (2008); *A falta que me faz* (2009), também objeto deste estudo; e *A cidade onde envelheço* (2016), sendo esse o primeiro drama da diretora, que será debatido neste ensaio. Suas produções foram exibidas e premiadas internacionalmente⁴.

Sobre o cinema de Marília Rocha, Paranaguá (s.d.) debate sobre a cuidado que a cineasta tem em busca apresentar costumes que são ameaçados pela modernidade. Nesse sentido Barisone (ca. 2008) afirma:

É um cinema à prova do real, que se forma sobre a experiência, sobre o vivido, encontra sua estrada fazendo estrada: nada de ideológico sobre seus ombros, nenhuma exigência de ensinar ou de informar, nenhum desejo de entreter com o “escândalo”; somente um olhar que procura à sua frente, atento e emocionado diante da descoberta. Um cinema que tem o ritmo de sua própria respiração.

A opção em debater esses três filmes dirigidos por Marília Rocha, de gêneros distintos, traz a possibilidade de refletirmos sobre as semelhanças e diferenças desses dois gêneros e como Rocha constrói essa sua narrativa. As escolhas da diretora para a condução de suas obras partem de ligações humanas e sociais, intenções poéticas e plásticas na captação das imagens, pelo cuidado para com os sons e a linguagem de uma maneira geral, como afirma Brasil (2008).

2 ANÁLISE FÍLMICA

O intuito de analisar a obra justificava na diferença entre análise e crítica. Analisar compreende “em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar” (VANOYE apud PENAFRIA, 2009). Por sua vez, a crítica tem como premissa a avaliação, baseada no juízo de gosto e valor a uma determinada obra.

⁴ *Aboio* (2005), *A falta que me faz* (2009) e *A Cidade onde Envelheço* (2016) já foram exibidos na América do Norte e na Europa.

De maneira geral, segundo Penafria (2009), o objetivo da Análise é então “explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação”.

Foi nessa compreensão que se deu o estudo dos filmes selecionados.

2.1 ABOIO (Marília Rocha, 71 min, 2005)

O primeiro longa-metragem da diretora percorre o sertão brasileiro no retrato de hábitos antigos dos vaqueiros, como o de conduzir o gado por meio de um canto: o aboio. As filmagens se deram em fazendas nos estados da Bahia, Minas Gerais e Pernambuco. O documentário é montado tanto com imagens em preto e branco, como coloridas; no desenho de som o trabalho de Bruno do Cavaco é uma marca muito forte do filme e a mixagem e trilha sonora original é do coletivo O Grivo. Ao contrário de documentar por uma metodologia mais científica a manifestação do aboio, a cineasta nos prende nas histórias dos vaqueiros, que por si só constituem a própria historiografia do aboio.

A obra de Marília Rocha pode ser visualizada nos escritos de Nichols (2010) em referência ao modo poético de fazer documentário, na utilização do mundo histórico como fonte, nas impressões subjetivas, além da quebra de padrões de montagem e ritmos temporais.

O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente. [...] Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas. (NICHOLS, 2010, p. 138)

O filme nos convida a uma viagem no sertão e ao longo do tempo nos encontramos imersos nas relações entre homens, animais e natureza em meio às paisagens sonoras. Lima (2014, p.78) argumenta que o:

sertão torna-se um lugar-cosmo onde os boiadeiros assumem o poder mágico de encantar o animal com essas melodias milenares, que atravessaram espaços, tempos, gerações, impulsionando homens e boiadas para um movimento de desterritorialização.

Conforme analisa Lima (2014, p.77), o filme se destaca no quesito sonoro por apresentar:

uma complexa textura sonora, que reúne os cantos de trabalho dos boiadeiros, as vozes faladas dos homens (dos entrevistados e, por vezes, também da equipe), a voz dos animais, os ruídos do mundo tomados em direto, sons sintetizados e trilha musical.

O testemunho e os comportamentos de velhos vaqueiros, além de distintas formas e usos do canto utilizado como comunicação entre o homem e o gado, estão presentes na obra. No passado não havia transporte maquinário para levar o gado até a comercialização, as viagens eram feitas a pé, guiadas pelos vaqueiros. Com a introdução do caminhão para realizar o transporte, os vaqueiros perderam sua principal função, assim como o aboio.

O início do filme nos apresenta com uma cena muito simbólica e delicada, um senhor vaqueiro transmite o aboio a um jovem, à luz de um fogueiral. Em outra ocasião, o próprio vaqueiro afirma que não devemos olhar para o aboio com um sentimento de saudade como se tivéssemos perdido algo, pois nada verdade o mundo está se transformando.

Marília Rocha possibilita aos espectadores um olhar de empatia. A relação homem e boi estão estreitamente ligados a condição humana e de igualdade. A captação de imagens e a apresentação delas nos remetem a isso, em diversos momentos o filme aproxima as semelhanças entre o homem e o boi, na exposição do piscar dos olhos, dos dentes, mas também narrativamente.

Brasil (2007) afirma que em Aboio “as palavras cantam e as imagens deliram”.

2.2 A FALTA QUE ME FAZ (Marília Rocha, 85 min, 2009)

“Oferecer-se aos afetos, de fato, é ponto de partida” (ANDRADE, 2010). A relação espaço-temporal marca a essência do filme que tem a transição da adolescência a vida adulta de quatro garotas da Serra do Espinhaço⁵, em Minas Gerais, com objeto

⁵ Cadeia montanhosa entre o território baiano e mineiro. Foi ao longo da serra do Espinhaço que a mineração, no período colonial se deu, principalmente. Em consequência, houve a formação de núcleos

central do filme dirigido por Marília Rocha. Essa custosa fase em que as garotas não são mais meninas, mas também não chegam a ser mulheres. Trabalhos e obrigações se embaralham com sonhos e romances.

O longa-metragem foi filmado entre 2008 e 2009. O contato com as personagens, Alessandra, Valdênia, Priscila e Shirlene, se deu quando a cineasta conduzia pesquisas para um documentário sobre catadores de flores. Porém ao conhecê-las Rocha opta por uma nova temática:

As meninas tinham uma força e uma juventude ali. Eu via que era um momento de vida muito delicado e muito de passagem. Aquilo tudo me atraiu. Fiquei completamente envolvida por elas e acabou que não funcionava mais aquele filme anterior. Tive que abdicar do projeto inicial e teve esta guinada completa. (ROCHA, 2011).

O filme com a cadência característica de Marília Rocha observa o cotidiano das jovens e a passagem da adolescência num local afastado dos grandes centros urbanos. É no baile de forró, aos finais de semana, o ponto de encontro com as amigas e também local de namoro. De resto, o trabalho rural e o convívio com a família marca a rotina e limita os horizontes.

As personagens são apresentadas pelo momento em que marcam na pele signos de suas paixões. Marcas que serão a alegoria ilustrativa da abordagem do filme. Andrade (2010), afirmar que “quando a experiência, em si, não deixa marcas físicas, é preciso produzi-las, expressando no corpo – e no plano – o que está impresso no espírito. Não é possível fugir dos afetos”.

A primeira metade do filme, a presença da cineasta é quase imperceptível, pelo fato da colocação de uma câmera nas casas das meninas e a ação das personagens com muita naturalidade. Ao decorrer da obra, a documentarista começa a indagá-las sobre amizade e ciúme, levantando conflitos e contradições. Alessandra, num determinado momento, questiona a própria equipe de gravação sobre assuntos familiares, invertendo

urbanos importantes, como Ouro Preto, Sabará e São João Del Rei, por exemplo, dentre outros. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/265.pdf>> Acesso em: 12 de abril de 2018.

a relação entre personagem e cineasta, de quebra produzindo um interessante material para o documentário, como discuti Barbosa (2010).

Notar a ambiguidade das múltiplas situações representadas, daqueles sentimentos e daquelas personagens, e esforçar-se para retransmitir cinematograficamente é uma grande fato do filme, que reafirma a delicadeza, visão e técnica de Marília Rocha. Exemplificando essa imprecisão presente no filme é objeto de debate:

afinal, é possível acreditar em casamento de conveniência e, ao mesmo tempo, desejar rasgar o nome de cada namorado no próprio corpo. O que interessa é justamente a vontade de se marcar, de viver intensamente cada experiência – cada paixão, cada tentativa de suicídio – e perceber que o todo (a vida das meninas e do filme) é constituído por essas marcas, esses rasgos, que só nos chegarão inteiros se acontecerem, também, dentro da cena. (ANDRADE, 2010)

Nesta obra, Marília Rocha assume a tarefa de captá-lo em toda sua complexidade, estabelecendo visualmente relações entre pessoa e território, criando sentidos que extrapolam a relação entre personagem-cineasta.

2.3 A CIDADE ONDE ENVELHEÇO (Marília Rocha, 99 min, 2016)

'*A Cidade Onde Envelheço*' e o dilema entre ficar ou partir⁶, foi à manchete da reportagem publicada por Matheus Pichonelli na coluna cultural da Carta Capital em fevereiro de 2017. O primeiro trabalho ficcional escrito e dirigido por Marília Rocha aborda a relação entre duas amigas portuguesas durante suas vivências no Brasil. Teresa, interpretada por Elizabete Francisca Santos, deixa a Europa para morar em solo brasileiro. Francisca, interpretada por Francisca Manuel, uma personagem marcada pela independência, perfeccionismo e solidão, vivia em Belo Horizonte (MG) a mais de um ano, e com muito receio recebe a amiga em sua casa. Contudo nasce uma forte ligação entre elas, impulsionada pelo jeito descontraído e agitado de Teresa.

⁶ Reportagem disponível em <https://www.cartacapital.com.br/cultura/a-cidade-onde-envelheco-e-o-dilema-entre-ficar-ou-partir>. Acessado em: 05 dez. 2017

A obra traz com delicadeza o choque cultural entre o cotidiano brasileiro e o português, além de trazer a discussão a própria peculiaridade cultural do brasileiro. Russo (2016) afirma que o filme aborda uma “sensação íntima de estranhamento, de não pertencimento àquele lugar, por mais que esteja nele habituado e até mesmo adaptado.” A postura crítica de Francisca traz alguns questionamentos sobre o modo de ser brasileiro, no sentimento de estranhamento ao diferente, além da abordagem da saudade da “Terrinha” e a dificuldade em aceitar esses desconfortos.

Com “uma estrutura livre, sem uma trama a seguir ou um destino a atingir”, como pontua Moraes (2017), o filme apresenta os diálogos como um dos fatores centrais para o sucesso da proposta. Conversas profundas e envolventes desenvolvidas de forma tão natural, reforça a delicadeza do filme. A opção da diretora na busca por atrizes portuguesas brindou a obra com sotaques tão naturais e verdadeiros das personagens que potencializou a proposta do roteiro. A opção da diretora em não entregar as falas para as personagens partiu da ideia de fruição do acaso e de proporcionar uma instabilidade à ficção, mas com certo controle na temática das conversas, como afirmou Rocha em entrevista à Pécora (2017).

Nassif (2017), afirma que Marília Rocha trabalha nessa obra com a combinação de documentário com elementos da ficção. Sobre o filme e a relação entre as personagens, reitera:

Francisca e Teresa navegam, entre encontros grandes e pequenos, com oxigênio de sobra para as performances soberbas que permeiam o filme – performances contidas e, por isso mesmo, muito potentes, nos gestos e nas palavras. A narrativa é costurada, por vezes frouxamente, numa sucessão de pequenos acontecimentos que vão, paulatinamente, encurtando a distância inicial estabelecida entre as duas à medida que as protagonistas se reconhecem uma na outra.

Em suma o filme aborda a vontade de partir e a saudade da terra natal; o entusiasmo do começo da nova jornada e a dificuldade trazida pelo tempo; as peculiaridades que passam de charme para sintomas causadores de erro (PÉCORA, 2017).

3 CONSIDERAÇÕES

Marília Rocha ao longo de sua trajetória concluiu quatro grandes produções, sendo três no documentário e um na ficção. Suas características como documentarista já são consolidadas e bem visíveis, de uma maneira geral *Aboio* (2005) e *A falta que me faz* (2009) representam bem os ideais que guiam o trabalho da cineasta; sua primeira experiência em um curta-metragem ficcional faz com que barreiras que muitas vezes separa as produções, documentais vs. ficcionais, fossem abertas para um trabalho de convergência, seja de linguagem, técnicas, escolhas, sutileza e/ou temáticas. Sobre isso, Marília Rocha (in: GOMES; SILVEIRA, 2017) relatou: “Fizemos uma ficção com uma boa dose de verdade. Foi algo que aprendi com o documentário”. Esse permeio por gêneros distintos é um grande diferencial do cinema de Marília Rocha. “A mistura de gêneros fica clara na narrativa centrada em momentos cotidianos, sem grandes acontecimentos além da própria vida, e no elenco de não atores” (PÉCORA, 2017).

A presença do acaso, da instabilidade, do hibridismo são marcas presente nas suas produções. O cinema calmo, delicado, empático, cotidiano, sem pressa, sem necessariamente um grande clímax acontecer é defendido por Rocha como forma de reflexão das próprias relações humanas.

O fator sonoro é muito pensado nas obras de Rocha, o cuidado e o pensar com o som faz dele elemento fundamental para a consagração dos objetivos da obra. Os efeitos, ruídos, as músicas, as marcas e paisagens sonoras que compõem a peça leva o espectador pra dentro do filme, afluindo por meio do sonoro os sentimentos, a leveza e delicadeza daquela cena.

Por fim um ponto em comum em suas quatro produções chama a atenção a relação entre costumes e a modernidade. O trabalho dos vaqueiros em *Aboio* (2005), os laços históricos em *Acácio* (2008), a relação entre o passado-presente-futuro em *A falta que me faz* (2009) e por fim a ficar ou partir de *A cidade onde envelheço* (2016).

Fica evidente no trabalho de direção de Marília Rocha o que Rodrigues (2007, p.70) afirma:

a parte mais importante da direção envolve a orquestração da ação filmada, assegurando que a ação e o diálogo através dos

planos correspondam a uma certa visão do roteiro, criativamente transformando o cenário em ação, luz e som.

Em síntese, a coragem em produzir com temáticas delicadas, em visualizar o som como parte fundamental na construção da obra e em se permitir explorar os diferentes gêneros do cinema, não se apegando a obrigatoriedades e rótulos, fazem de Marília uma expoente cineasta no atual cenário cinematográfico brasileiro. Explorar essa convergência, muito evidenciado em seu último trabalho, é algo que a ciência e o cinema são convidados, e porque não intimados, a pensar e produzir.

4 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fábio. **Afetos, medidos e desmedidos: A Falta Que Me Faz**, de Marília Rocha (Brasil, 2009). 2010. Publicado em Cinética. Disponível em: <<http://www.revistacinetica.com.br/faltaquemefaz.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BARBOSA, Neusa. **'A Falta que me Faz' enfoca falta horizontes de jovens mineiras**. 2010. Publicado pelo Estadão. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,a-falta-que-me-faz-enfoca-falta-horizontes-de-jovens-mineiras,645129>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

BARISONE, Luciano. **Os Últimos: 2 filmes de Marília Rocha**. ca. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Os_ultimos_Luciano_Barisone.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2017.

BRASIL, André. Quando as palavras cantam, as imagens deliram. **Revista Cinética**. Ensaios – Especial Retrospectiva 2007. Janeiro de 2008. Disponível em: <<http://www.revistacinetica.com.br/aboioandarilho.htm>> . Acesso em: 03 dez. 2017.

GOMES, Raquel; SILVEIRA, Renato. **“Fizemos uma ficção com uma boa dose de verdade”**. **Entrevista: Marília Rocha, diretora de “A cidade onde envelheço”**. Disponível em: <<http://www.cinematorio.com.br/2017/02/entrevista-marilia-rocha-diretora-de-a-cidade-onde-envelheco/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

LIMA, Cristiane da Silveira. Ê, gado manso! Ê, saudade! Uma travessia com o filme Aboio. **Devires: Cinema e Humanidades**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p.74-97, jul. 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires/article/view/45/2>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

MORAES, Felipe. **“A Cidade Onde Envelheço” é crônica sobre amizade em BH.** 2017. Publicado em Metrópoles. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/cinema/critica-a-cidade-onde-envelheco-e-chronic-a-sobre-amizade-em-bh>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

NASSIF, Miguel. **A cidade onde envelheço.** 2017. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/a-cidade-onde-envelheco-por-miguel-nassif>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 5. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2010. Tradução de: Mônica Seddy Martins. Disponível em: <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2016/08/nichols-b-introduc3a7c3a3o-ao-documentc3a1rio.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

PARANAGUÁ, Paulo Antonio (s.d.). **Aboio.** Disponível em: <http://www.mariliarocha.com/wp-content/uploads/2010/01/ABOIO_paulo_antonio_paranagua.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2017.

PÉCORA, Luísa. **Marília Rocha fala sobre os bastidores e o feminismo de “A Cidade Onde Envelheço”.** 2017. Publicado em Mulheres no Cinema. Disponível em: <<http://mulhernocinema.com/entrevistas/marilia-rocha-fala-sobre-os-bastidores-e-o-feminismo-de-a-cidade-onde-envelheco/>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).** In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos... Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 17 de abr. de 2018.

ROCHA, Marília. **A força da alteridade.** Fortaleza: 2011. Disponível em: http://imagem_em_movimento.blogspot.com.br/2011/08/entrevista-com-marilia-rocha-falta-que.html Acesso em: 10 abr. 2018

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/21978736/o-cinema-e-a-producao---chris-rodriques>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

RUSSO, Francisco. **As emigrantes:** Crítica à A cidade onde envelheço. 2016. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-232668/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

5 FILMOGRAFIA

ABOIO. Direção: Marília Rocha, 2005, Brasil, DVD (73min), son., color.

A CIDADE ONDE ENVELHEÇO. Direção: Marília Rocha, 2016, Brasil e Portugal, DVD (99min), son., color.

A FALTA QUE ME FAZ. Direção: Marília Rocha, 2009, Brasil, DVD (85min), son., color.